

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 4 Editorial *Do escritório de Matthew Kirchoff, Diretor de comunicações do WPT*
- 5 Lóris de Rimatara *População restabelecida na Ilha Atiu após 200 anos*
- 10 Diminuindo o Tráfico de Psitacídeos na Indonésia
- 14 De volta do abismo, novamente: *O declínio e recuperação do periquito da Tasmânia*
- 18 PsittaNews - *Notícias e updates, Contatos do WPT*
- 20 Psitacídeos na natureza - Lóris de cabeça púrpura

Nas capas

Um lóris de Rimatara (*Vini kuhlii*) forrageando em uma gigantesca flor de bananeira, utilizando a sua língua especializada com forma de escova para obter o néctar e pólen. Foto © Alan Lieberman

Esses psitacídeos tem tido um notável aumento nos seus números desde que 27 foram translocados de Rimatara para Atiu em 2007. Asiba mais na página 5.

Editorial

Mensagem... escritório do Matt

Nessa edição nos concentramos na região da Oceania – uma área que inclui a Austrália, Nova Zelândia, Nova Guiné, e Ilhas da Indonésia e Oceano Pacífico. É uma área geográfica de imensa importância para psitacídeos. Ela sustenta 42% das espécies de psitacídeos do mundo, incluindo metade de todas as espécies criticamente ameaçadas. Nós do WPT temos a convicção de melhorar essa situação para os psitacídeos nessa região.

Alguns dos trabalhos atualmente apoiados pelo WPT são destacados nessa edição: do Periquito da Tasmânia, que está à beira da extinção, ao maravilhoso Lóris de Rimatara (Kuhl), um psitacídeo nectarívoro (com uma língua com uma escova!) do qual a recuperação na natureza é celebrada, e uma estória impressionante, mas de esperança sobre o comércio destrutivo de psitacídeos capturados na natureza na Indonésia.

Como sempre, nosso objetivo é informar e inspirar. Seu suporte ao Wpt é vital para nosso sucesso coletivo. Obrigado por sua ajuda e feedback.

Desejando o melhor para esse ano!

Matthew Kirchoff,
Diretor de Comunicações

“**não posso acreditar...**” Essas foram as primeiras palavras que saíram de minha boca em nossa primeira manhã em Atiu conforme começamos nossa pesquisa na ilha, quase 10 anos após a reintrodução do Lóris de Rimatara (*Vini kuhlii*) translocado de Rimatara em 2007.

Nós tivemos uma dica do que esperar em termos de tamanho populacional através dos relatórios que recebemos com o passar dos anos de nosso “homem em campo” Roger Malcolm, que seguiu os Lóris viando sobre o Resort de Atiu. Ainda mesmo que estivéssemos esperando ver (e contar) lóris, mal podíamos acreditar o que nos recebeu em nossa chegada em Atiu.

Antes mesmo que começássemos a contagem oficial, vimos não somente uma ave ou duas, aqui ou ali, ou talvez um casal ou trio... mas incrivelmente, e para nosso prazer, tivemos a emoção de observar dúzias de Lóris se alimentando nas árvores Didap com flores ricas em néctar (*Erythrina subumbrans*).

Estávamos espantados de boca aberta pelo que vimos e animados sobre quanto o bando havia crescido em menos de 10 anos. O que nossa pesquisa de duas semanas iria revelar em termos do total de aves?

Mas antes que cheguemos a nossas estimativas, vamos começar do princípio...

LÓRIS DE RIMATARA

População reestabelecida na Ilha Atiu após 200 anos

Escrito por Alan Lieberman e Gerald McCormack

O Lóris de Rimatara (também conhecido como Kuhl, Kura ou Lóris de peito escarlate) aparece no apêndice II da CITES e é classificado pela Birdlife International/IUCN lista vermelha como ameaçado devido a sua pequena população, distribuição limitada, e risco de que ratos se estabeleçam nas suas ilhas nativas.

A espécie está restrita a três ilhas: Rimatara no oeste da Polinésia Francesa, e Tabuaran e Teraina no remoto noroeste Kiribati. O local anterior de ocorrência natural para a espécie era o sul das Ilhas Cook e Rimatara, enquanto que a inclusão de Kiribati é devido à introdução pelos polinésios antes da descoberta das ilhas em 1798. A população nativa de Atiu valorizava a plumagem de vermelho brilhante dos Lóris, e os caçou até a extinção antes da chegada do Capitão Cook em 1777.

O objetivo geral desse esforço de conservação era reintroduzir uma população inicial vinda de Rimatara para estabelecer uma população reserva em uma ilha livre de ratos dentro de sua área de ocorrência original.

Utilizando técnicas de captura e transporte com espécies similares de Lóris na Polinésia Francesa em 2007 a equipe de campo capturou 27 aves em Rimatara, transportou e as soltou em Atiu.

No ano seguinte, nós reportamos o primeiro sucesso reprodutivo dos pais translocados em Atiu – os primeiros filhotes de Lóris nascidos em Atiu em 200 anos.

A translocação inicial foi organizada pelo Fundo Natural das Ilhas Cook, Sociedade Ornitológica da Polinésia (MANU) e Zoológico de San Diego com apoio das comunidades de Rimatara e Atiu, e aprovação dos governos.

Nosso objetivo para a pesquisa em 2016 era determinar, tão precisamente quanto possível, o tamanho total da população em Atiu e como o habitat disponível estava sendo utilizado pelo recém introduzida população. Contar aves em campo é uma técnica por si só e com muitas metodologias a considerar.

Decidimos utilizar uma contagem direta percorrendo transectos definidos pelas oito estradas que percorrem a ilha, e então considerar o habitat total disponível na ilha para estimar o número potencial de aves que estão na ilha.

Nos caminhamos todas as manhãs por 2-3 horas começando antes do sol aparecer quando as aves estão mais ativas e vocalizando. Formamos 4 times de 2-3 pessoas e seguimos rotas pré-estabelecidas cada dia, replicando as rotas feitas por diferentes equipes. Contamos todas as aves vistas ou estudadas dentro de 50 metros em cada lado da estrada, que totalizou uma área de transecto de 292 hectares (29km de comprimento X 100m de comprimento).

O número médio de aves detectadas dentro de 50m dos oito transectos de estradas era .35 aves/ha. A área de 292 há amostrada constituía 26.5% do habitat de 1.100ha na ilha. Multiplicamos .35/ha x1.100ha para chegar à conclusão de nossa estimativa de 385 lóris em Atiu.

Todo esse trabalho foi maravilhoso...andando em uma ilha tropical do Pacífico todas as manhãs, procurando por Lóris e também apreciando os pombos nativos do Pacífico e o martim-pescador. Claro, os Lóris eram a atração principal.

À tarde, concentramos nossas atividades em capturar os Lóris com redes de neblina que se alimentam ao final do dia de flores de bananeira que começam a se abrir às 4 da tarde. Isso mostrou ser muito mais desafiador do que contar as aves. Capturamos quatro aves e cada uma passou por um rápido exame físico incluindo coleta de sangue, ectoparasitas, peso e medidas.

Todas as aves estavam em excelente condição física. Sendo manuseadas rapidamente, anilhadas e soltas.

Um componente auxiliar, porém crítico da recuperação dos Lóris em Atiu foi a completa eliminação do mainá comum (*Acridothores tristis*). Essa espécie foi introduzida e, 1916 numa tentativa de controlar um inseto do coqueiro, uma praga que afeta plantações de coqueiros.

Infelizmente, os abundantes e agressivos mainás tiveram um impacto negativo nas aves nativas ao perseguí-las quando tentam nidificar dentro do território de um mainá. Mainás foram observados atacando o ninho de um dos primeiros Lóris que nidificaram em 2008 e o Conselho da Ilha de Atiu concordou com a remoção do mainá não-nativo.

Nos oito anos seguintes, uma estimativa de que 26.000 mainás foram erradicados e a remoção da última ave, ironicamente, ocorreu durante nossa pesquisa em Setembro de 2016. Portanto agora os Lóris, Martins-pescadores, e pombos podem se reproduzir sem perturbações.

Após duas semanas andando por estradas, revisamos todos os dados, consideramos o mais recente mapeamento da ilha e seus habitats variados, e concordamos na estimativa conservadora de 385 Lóris em Atiu. De um total inicial de somente 27 aves em 2007 para 385 estimados conservadoramente em menos de 10 anos é realmente admirável. É um testemunho do que pode ser feito quando você tem uma espécie que demonstra querer se recuperar, uma população humana dedicada e um habitat que ainda está intacto e pode suportar o retorno de uma espécie nativa.

O esforço de recuperação superou nossas maiores expectativas e estamos animados como quão rapidamente a população cresceu. Dado o número de acres dedicados para plantações na ilha (Especialmente de banana) e a abundância de árvores produtoras de néctar, achamos que ainda existe amplo espaço para a população crescer.

Estamos ansiosos para retornar a Atiu daqui a 10 anos para continuar com os 20 anos de avaliação da translocação inicial e conduzir outra pesquisa. Que melhor maneira de aproveitar um paraíso tropical como Atiu do que observar Lóris voando e vocalizando conforme decidem qual árvore de néctar irão pousar em seguida.

Diminuído o tráfico de psitacídeos na Indonésia

ESCRITO POR DESI MILPACHER

O extensivo arquipélago da Indonésia é lar de milhares de espécies terrestres, muitas das quais endêmicas de cada ilha. A área foi no passado completamente coberta de florestas, com florestas tropicais úmidas e secas cobrindo as montanhas e vales. As montanhas mais altas são o lar de florestas montanas e sub-alpinas, e manguezais são comuns nas áreas costeiras.

As ilhas são também remotas: a sua natureza dividida e enigmática torna a Indonésia um local ideal para pirataria e contrabando.

O norte de Sulawesi e norte Maluku (Molucas) se destacam proeminentemente como áreas para tráfico de toda vida selvagem, especialmente psitacídeos. O Wpt tem se preocupado cada vez mais com o número crescente de Lóris, cacatuas e outros psitacídeos sendo contrabandeados por toda Wallacea, uma área que compreende Sulawesi, Lombok, Sumbawa, Flores, Sumba, Timor, Halmahera, Buru, Seram e um número de outras ilhas menores.

A área contém dezenas de espécies de psitacídeos e cacatuas, alguns dos quais são bem comuns no tráfico.

Os lóris amor-amor (*Lorius garrulous*) em particular estão sob extrema pressão devido à forte captura para suprir os mercados de aves em Java e Bali. Não é de se surpreender que isso tenha tido efeitos devastadores nas populações de psitacídeos selvagens, como evidenciado por

traficantes não encontrando nenhuma ave para capturar em muitas das ilhas.

E as razões para preocupações vão além do declínio em números e bem-estar das aves: as autoridades também se preocupam que o crescente comércio está trazendo doenças zoonóticas (animais para humanos) ao se aumentar o contato com mais e mais pessoas.

Uma nova era de parceria e cooperação

Agora, felizmente existe um esforço reinvado para lidar com isso. A região foi recentemente foco de uma série de encontros envolvendo as ONGs locais e internacionais, zoos locais, um governo novo, recepcionados pelo Centro de Resgate Tasikoki, e patrocinado pelo Wpt.

A Conferência Regional sobre Tráfico de Vida Selvagem em Wallacea foi realizada em Junho de 2017, e marcou um novo começo na luta para terminar com a captura ilegal de vida selvagem nativa. Foi o primeiro encontro a trazer oficiais do departamento florestal de Maluku e Sulawesi juntos para discutir os problemas de tráfico da região, a maior parte se concentrando no comércio de aves.

Desde 2016 uma nova direção, polícia marinha e civil, e unidades da marinha tem tomado medidas mais fortes para lidar com os problemas de tráfico em diferentes partes do país. Diversas ONGs realizaram trabalho em campo recentemente, juntando novos dados das populações selvagens e impactos do comércio, adicionando um importante peso nessa nova colaboração.

Lidar com essas questões não será feita com pouco planejamento, já que o número de ilhas, governos, e quilômetros quadrados envolvidos no comércio dessa área é surpreendente.

Os participantes já realizaram muito ao fazer contato uns com os outros e delimitando as ações-chave para se concentrar: monitoramento das fontes, rota e destino do comércio, encorajar o controle de fronteira e detecção, aumentar a capacidade da aplicação da lei, e mais criticamente, abrigar e cuidar de uma grande variedade de vida selvagem confiscada.

No meio disso estão os povos locais. Muitos já tiveram suas vidas severamente afetadas pela perda de seus recursos naturais para estrangeiros. Para compensar isso, muitos se voltaram para a captura de modo a conseguir um pouco de sobrevivência. Por causa disso, de modo que os esforços anti-tráfico funcionem, é imperativo que as populações locais tenham um voz sobre o uso dos recursos naturais e beneficiar com a sua proteção.

Encorajando a participação da comunidade através de educação e conscientização e aprovando modos de vida alternativos e sustentáveis para todos é extremamente importante.

O difícil trabalho começa

Mehd Halaouate, Diretor do Programa do World Parrot Trust Indonesia e Angela D'Alessio de Tasikoki, começaram a liderar o ataque. Eles recentemente fizeram uma série de viagens ambiciosas ao redor de Wallacea para proporcionar informações e treino de manejo de vida selvagem e colaborar com as autoridades, passando duas semanas em campo nas ilhas Ternate, Halmahera, Bacan e Obi.

Os dois estão encorajando as autoridades a trabalharem em conjunto para coordenar apreensões, cuidados de emergência e reabilitação. Na ilha Ternate, em especial, as autoridades florestais encontram um influxo de aves – Cacatuas brancas e Tanygnathus, e várias espécies de Lóris vindos das ilhas vizinhas.

Fora dessa região vêm outros Lóris, Cacatuas das palmeiras e sulphurea, e diversas espécies de outros psitacídeos. Aves isca, que são utilizadas para atrair aves selvagens para serem capturadas, estão sendo confiscadas em uma tentativa de atrapalhar os traficantes. A situação é por vezes extremamente difícil.

Conhecimentos valiosos estão sendo ensinados: incluindo a delicada arte de alimentar filhotes na mão, instruções sobre como abrigar, manejo e enriquecimento ambiental, e preparação de aves capazes para uma eventual soltura. O aprendizado ao vivo ocasionalmente ocorre: um filhote recém confiscado de Cacatua ainda pedindo alimento funcionou como o professor ideal para uma das aulas.

A equipe florestas recebeu orientação sobre espécies e subespécies já que muito frequentemente, apesar de se ter a melhor das intenções, aves são soltas na natureza nas áreas erradas. Ainda a vir está o treinamento e entrega de materiais educacionais para os povos locais de modo que comecem a guiar observadores de aves na floresta, e então se beneficiar dos psitacídeos que ali vivem.

Banners educativos e outros materiais serão distribuídos, trazendo informações sobre os psitacídeos e suas dificuldades na natureza para tantas pessoas quanto for possível.

Esse é apenas o começo do que será um incansável esforço em muitas áreas, todos na tentativa de desembaraçar o complicado e sórdido mundo do comércio de aves em Wallacea. Não será fácil, porém com cooperação regional e internacional, e determinação, espera-se que os psitacídeos selvagens irão começar a voar livres sem medo da captura na Indonésia novamente.

Legendas:

Extrema esquerda: *Cacatuas resgatadas procuram conforto umas com as outras.*

Acima: *Desmatamento e queimada é um método comum de agricultura na Indonésia.*

Acima e abaixo, à esquerda: *Eclectus e Lórus retomam suas forças após um resgate.*

Esquerda superior: O cuidadoso processo de limpeza das penas se inicia.

Acima à direita: Transportando aves confiscadas para Tasikoki.
Abaixo à esquerda: Alimentos nutritivos ajudam a alimentar as aves famintas e proporcionam a sua recuperação.

Abaixo à direita: Mehd Halaouate do WPT's com a equipe de Tasikoki staff e funcionários do governo.

Com relação às apreensões

Desde que as reuniões ocorreram, as autoridades em Ternate confiscaram aves que haviam sido anunciadas na internet: 20 lóris *Chamosyna placentis* e 5 *Eos squamata*.

Outra apreensão, com sete *Lorius lory*, três (*Lorius garrulus*), um *Trichoglossus ornatus*, uma *Cacatua sulphurea*, e uma *Cacatua galerita*, ocorreu na província de Gorontalo em Sulawesi, quando alguém tentou vender algumas aves através do Facebook. Elas agora estão se recuperando em Tasikoki no norte de Sulawesi.

A última apreensão ocorreu em Novembro de 2017, quando 125 psitacídeos foram confiscados de quatro contrabandistas em quatro regiões da Ilha de Halmahera.

O Wpt está em campo auxiliando na reabilitação das aves, e proporcionou patrocínio para alimentação e treinamento para cuidados apropriados. O Wpt irá continuar a apoiar essas aves em sua recuperação, com a esperança de que algumas possam ser retornadas em suas áreas de ocorrência histórica.

De volta do abismo, novamente: O declínio e recuperação do Periquito da Tasmânia

A Ilha Norfolk é um pouco de serenidade em um pacote pequeno: colinas verdes abundantes, lagos rochosos com água cristalina, *aves marinhas sobrevoando e os magníficos pinheiros da Ilha Norfolk são todos parte da paisagem da ilha.

Esse lugar notável também é lar de aproximadamente 60 outras espécies de planta não encontradas em nenhum outro lugar incluindo a mais alta samambaia árvore. Juntamente com a Ilha Nepean, Norfolk foi identificada pela BirdLife International como uma área importante para aves porque abriga populações inteiras de diversas espécies endêmicas.

Uma delas, o Periquito da Tasmânia (*Cyanoramphus cookii*), necessita especialmente de ajuda.

Esses periquitos predominantemente verdes com a faixa vermelha na frente são encontrados somente nessa meiga e chuvosa ilhota entre a Austrália e Nova Zelândia. Se alimentam em árvores e no chão, atarefadamente varrendo para os lados os restos de folhas com seus pés à procura de sementes. Pesam 100g e estão muito ameaçados na natureza.

Com a descoberta da Ilha Norfolk no final de 1700 eles eram comuns nas florestas. Agora habitam um pequen fragmento florestal de 300 hectares, e enfrentam ameaças típicas dos habitantes de ilhas – desmatamento das grandes árvores no passado, e competição com animais introduzidos tais como as Rosellas (*Platycercus elegans*), estorninhos comuns (*Sturnus vulgaris*) e abelhas ferais. Predadores ferais também em tido impacto – ratos e gatos domésticos causam perdas catastróficas nos ninhos. E como a maior parte das espécies insulares, eles também se encontram à mercê de eventos inesperados, tais como tempestades severas ou surtos de doenças.

Esses psitacídeos vulneráveis também tem enfrentado uma mudança no manejo da conservação: proporcionar ninhos e proteção do habitat natural, que previamente havia ajudado a recuperar os números populacionais, foram deixados de lado uma vez que recuperaram-se próximo da extinção em 1988. A população havia aumentado com 250 filhotes, e os avistamentos se tornaram mais comuns. Foi considerado como “salvo”.

Como resultado, e por causa de cortes de orçamentos, o trabalho se concentrou na restauração do habitat e de múltiplas espécies do Parque Nacional da Ilha Norflok, e menos diretamente na proteção dos periquitos. As aves pareceram regredir após isso. Vale a pena notar que as comunidades locais com bastante interesse no bem-estar das aves viram esse declínio nas populações.

Uma ação urgente é necessária

Felizmente isso iria mudar. A colaboração cm ONGs, Parques da Austrália e outras importantes organizações estão sendo postas em funcionamento. Um plano de ação, implementado pelo governo Australiano, recorreu a treinamento especializado para os guardas do parque de modo a garantir que as aves e ninhos sejam apropriadamente monitoradas e mantidos. Uma pesquisa direcionada, a primeira desde os anos 90, começou em 2013 uma vez que um método confiável de contagem foi determinado pelos especialistas.

Foi revelado que entre 42 e 96 aves sobreviviam, incluindo dez fêmeas. Considerou-se que os baixos números eram o resultado da deterioração de ninhos e falta de controle de predadores ferais ao redor dos locais de nidificação.

Os periquitos da Tasmânia, como outras espécies de Cyanoramphus, chegam à idade reprodutiva dentro de alguns meses após saírem do ninho e tem ninhadas de até oito ovos com as condições adequadas, portanto o declínio das aves claramente mostrava a necessidade de proteger seus ninhos.

Após a reuniões envolvendo autoridades de todos os níveis do ministério do ambiente, dentro de um ano, 78 ninhos à prova de gatos e ratos foram instalados e os predadores reduzidos. Um comprometimento renovado de manter e proteger os locais dos ninhos começou, e pesquisas viram um aumento no número dos periquitos: em média, o sucesso de nidificação (onde pelo menos um dos filhotes saiu do ninho) foi para 70% em 2016 onde era 40% anteriormente.

As pesquisas continuaram a cada 4-6 meses, conduzidas por voluntários e equipe do parque nacional. Haviam 13 ninhos ativos que produziram filhotes no meio de 2014, e no começo de 2017, 17 fêmeas estavam em ninhos protegidos. Desenvolvendo um método de verificação dos ninhos sem perturbar era importante. Para prevenir as fêmeas de abandonarem os ninhos esses eram verificados semanalmente, mas somente após os machos chamarem as fêmeas fora do ninho para alimentá-las.

Estimulando orgulho e responsabilidade nas pessoas

Engajando as comunidades na conservação de seu psitacídeo endêmico se tornou essencial. O envolvimento se deu na forma de seminários públicos, uso de materiais educacionais, e compartilhamento de dados atualizados do censo.

O comércio de lojas para turismo, supermercados e cafés receberam mais de cem poters informativos, e estudante receberam periquitos de pelúcia simbólicos. A equipe do Parque Austrália visitou escolas com mensagem sobre a proteção dos ninhos e a importância de se manter gatos domésticos longe das áreas de nidificação. Graças a esses esforços, o periquito está se tornando um ícone – um sobrevivente que as pessoas podem sentir orgulho e sentirem-se inspiradas.

O plano adiante

A equipe do periquito da Tasmânia e seus muitos colaboradores irão manter o momentum sobre os sucessos que fizeram. Os pesquisadores firmemente acreditam que a chave para garantir a sobrevivência em longo prazo é a parceria múltipla que traz uma gama de experts para ajudar, e a formação de uma equipe formal para continuar na recuperação das aves é essencial.

O plano de recuperação, primeiramente escrito em 2002, deve ser revisto para guiar futuros esforços, e o planejamento e implementação da restauração do habitat também são vitais. As manter a observação nos números populacionais e começar novas populações em locais seguros estão no topo da lista, já que a espécie somente existe agora como uma única população reprodutiva.

A experiência com os outros *Cyanoramphus* mostrou que as translocações para locais livre de predadores é uma medida eficaz para aumentar os números de indivíduos.

Portanto, a próxima ação na conservação da espécie é estabelecer uma população na ilha Phillip livre de roedores, localizada 6Km ao sul da Ilha Norfolk. Espera-se que isso irá proporcionar uma importante garantia populacional em caso de eventos extremos como surtos de doenças ou perda de habitat.

No fim, o destino do periquito está nas mãos dos humanos que tentam ajudar. Mas a história mostra que com um pouco de ajuda de seus amigos, esse pequeno e robusto periquito pode voltar do abismo e ser bem-sucedido novamente.

Legendas:

Esquerda: Um poster no dialeto de Norfolk exibindo o Periquito da Tasmânia, promovendo a conscientização sobre a espécie no povoado da Ilha Norfolk.

Acima: Margaret Christian (Sociedade de Fauna e Flora) instruindo a população sobre o progresso na conservação dos periquitos.

Abaixo: Brinquedos de pelúcia utilizados para as atividades educacionais na Ilha Norfolk.

Esquerda: Pesquisadores no local da translocação, erodido por cabras e coelhos na Ilha Phillip.

Acima à direita: Avaliando o habitat de forrageamento do periquito.

Abaixo à direita: Cassandra Jones do Parque Nacional da Ilha Norfolk trabalhando em um ninho natural à prova de predadores.

PsittaNews **Novidades**

Lutando pelos Papagaios africanos

No começo de Dezembro de 2017, o Diretor do Programa para a África do Wpt, Rowan Martin, compareceu as reuniões em Genebra, para discutir maneiras de lidar com o comércio global de espécies ameaçadas de vida selvagem. A proibição no comércio dos Papagaios-do-Congo e Papagaios-de-Timneh (*Psittacus erithacus* e *Psittacus timneh*) estava na pauta e muitos dos países comparecendo discutiram o impacto da decisão da CITES I e maneiras de melhorar a sua implementação.

Essa reunião ocorreu logo que um novo artigo científico sobre o comércio de papagaios africanos foi publicado no periódico científico Emu. Sendo a mais abrangente análise deste tipo, o estudo revela que um aterrador número de 1.2 milhões de papagaios africanos foram legalmente exportados entre 1978 e 2014.

Outras observações de aves confiscadas tem demonstrado que ao menos 50% delas morrem durante o transporte. A maioria dos papagaios africanos nascidos em cativeiro agora vêm de grandes criadores na África do Sul.

Leia mais: tinyurl.com/y87438kl

A busca colorida dos cientistas para descobrir como psitacídeos se tornaram verdes

Uma equipe de cientistas identificou o gene do misterioso pigmento amarelo que psitacídeos tem em suas penas verdes. Um estudo recentemente publicado encontrou o gene codificando a enzima que cria o pigmento amarelo em periquitos australianos, chamado psitacofulvina. Esse gene é único no mundo animal e encontrado somente em psitacídeos. Outro estudo recente mostrou que penas cobertas com psitacofulvina são mais resistentes à degradação por bactérias do que penas brancas.

Leia mais: tinyurl.com/yc3x3coh

Keas são considerados ameaçados

Keas (*Nestor notabilis*) tem visto as suas populações selvagens diminuir rapidamente em tempos recentes. Os psitacídeos alpinos eram no passado abundantes, mas devido à predação por arminhos, ratos e gambás os seus números caíram tremendamente. Um esquema de abate introduzido no final dos anos 1860 também não ajudou, resultando em uma perda de mais de 150.000 aves.

Como resultado de estudos populacionais recentes, a IUCN reclassificou os Kea de vulneráveis para ameaçados. A Nova Zelândia está tomando os passos para remover predadores invasivos, um trabalho que o governo espera completar em 2050.

Leia mais: tinyurl.com/yc6zl8zk

A população do Papagaio das rochas nativo das Ilhas Rottneest é salvo da extinção

Cinco anos atrás, os conservacionistas locais ficaram preocupados sobre o destino de um grupo de Papagaio das rochas (*Neophema petrophila*) na ilha Rottneest, perto da costa sudoeste da Austrália. As suas buscas encontraram apenas seis das aves, que uma vez eram comuns nas ilhas.

O declínio populacional se deu devido à retirada de ovos para comércio de aves e introdução de gatos ferais. Após os primeiros passos tomados para proteger e anilhar as aves, uma nova contagem revelou um total de 16, com esperanças de mais na estação reprodutiva. Uma campanha de informações também foi lançada para encorajar os visitantes a relatar avistamentos dos pequenos psitacídeos.

Leia mais: tinyurl.com/yblaakvw

Nova esperança conforme o Periquito de ventre laranja é visto no antigo habitat do sul da Austrália.

Existe um otimismo renovado sobre o Periquito de ventre laranja (*Neophema chrysogaster*): um patrulheiro relatou o avistamento de uma ave rara na costa do Parque Nacional Canunda, no sudeste do Sul da Austrália. Os periquitos não haviam sido vistos nessa área em particular por quase duas décadas. Bob Green, o coordenador da equipe de recuperação do periquito, está investigando o avistamento e relata, "Confirmaria que temos aves movendo-se para o sul da

Austrália...o último periquito que se sabe ter sido visto no sul da Austrália foi há 5 anos atrás em Por MacDonell.”

Green também afirmou que os avistamentos tinham que ser investigados cuidadosamente já que membros do público frequentemente os confundem com Periquitos de asas-azuis (*Neophema chrysostoma*), Periquitos das rochas (*Neophema petrophila*) ou (*Neophema elegans*). Ele estava esperançoso de que o patrulheiro que observou a ave solitária também relatou uma vocalização distinta associada com a espécie.

Leia mais: tinyurl.com/y9s9wto4

Extras:

Artigo de EB Cravens, parte dois

Na edição de Outono de 2017 da PsittaScene, Eb Cravens escreveu sobre o estado dos psitacídeos de estimação em centros de resgate. Na parte dois, *Soluções que podem beneficiar a situação de Resgate/Adoção* pode ser encontrada online no site do Wpt (www.parrots.org) em Learn > Reference Library > Ethics & Welfare.

PSITACÍDEOS

NA

NATUREZA:

Lóris de cabeça púrpura (*Glossopsitta porphyrocephala*)

“Uma das experiências incríveis que fazem as horas de trabalho em busca de aves recompensadora. Eu visitei esse local de nidificação em duas ocasiões para verificar o progresso do período reprodutivo, e nessa manhã em particular havia uma abundância de atividade entre os periquitos.

Nada menos do eu oito indivíduos inspecionaram esse ninho, e em um momento seis aves estavam todas empoleiradas ao redor do oco. Mas o casal residente não iria abandonar a sai casa – a ave dentro do ninho ferozmente protegeu o seu lugar e expulsou todos os invasores!”.

Foto © Adam Blyth Photography Werribee, Victoria, Australia